

Teoria social de Marx, projeto ético-político e o serviço social: um espaço de tensões, reflexões e possibilidades*

Social theory of Marx, ethical-political project and social work: one space of strains, considerations and possibilities

REGINALDO PEREIRA FRANÇA**



RESUMO – Esse artigo busca refletir sobre a apropriação da teoria social de Marx, seus rebatimentos na profissão e sua conseqüente materialização no conteúdo ético-político do trabalho profissional. Trata-se de pesquisa originária de dissertação de mestrado apresentada à PUC-SP, qualitativa, constituindo-se como trabalho de campo com três assistentes sociais de espaços ocupacionais diferentes – saúde, poder judiciário e assistência social. Os resultados apontam que a maioria dos sujeitos possuem pouca ou relativa compreensão da teoria social de Marx, como ela se mediatiza no cotidiano do trabalho profissional e de como essa mediação rebate no trabalho profissional comprometido com os valores do projeto ético-político profissional.

Palavras-chave – Teoria social de Marx. Serviço Social. Trabalho profissional. Projeto ético-político.

ABSTRACT – This article seeks to reflect on the social theory of Marx and its repercussions in the profession and its consequent materialization on the ethical-political content of professional work. It's a qualitative analysis research, constituting as a fieldwork with three social workers of different occupational areas – health, judiciary and social assistance. Results show that most subjects have few or relative understanding of social theory of Marx e how it mediates in the profession routine and how that mediation affects professional work committed with values of professional ethical-political project.

Keywords – Social theory of Marx. Social Work. Professional work. Ethical-political project.

* Este artigo é parte das reflexões realizadas na dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), intitulada “Os elementos do projeto ético-político profissional e seu debate”, defendida em junho de 2012, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Silva Barroco.

** Assistente Social. Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: reginaldo.junior@uniube.br
Submetido em: dezembro/2012. Aprovado em: junho/2013.

Os valores éticos se objetivam mediante posicionamentos e ações práticas, e seu conteúdo é resultado da escolha e decisão de um sujeito coletivo – a categoria profissional – de onde a importância da reflexão ética que desvela o significado e a fundação dos valores, da discussão coletiva que elege os princípios, valores e normas orientadores da ética profissional, definindo estratégias coletivas para sua concretização, e do trabalho educativo que exercita os profissionais para uma vivência comprometida com valores emancipatórios. [Lucia Barroco]

Algumas notas introdutórias acerca do tema

Buscando refletir sobre a aderência do arcabouço da teoria social de Marx pelo Serviço Social, sua relação com a materialização destes pressupostos no conjunto ético-político profissional e inquietações sobre as possibilidades materializadoras suscitaram reflexões sobre o tema. Utilizamos como recurso metodológico a pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada com três assistentes sociais dos seguintes espaços sócio-ocupacionais: saúde, docência e Poder Judiciário. Para tanto, utilizamos, para melhor compreensão, a análise de discurso, o que nos possibilitou uma reflexão aprofundada, auxiliada pelo referencial teórico adotado.

Tratando-se de uma pesquisa em que houve coleta direta junto aos profissionais, cabe destacar que os procedimentos éticos que possibilitaram a realização do referido estudo fundaram-se na explicitação dos fundamentos ideopolíticos e científicos da pesquisa, oferecendo aos assistentes sociais plenas condições de compreensão do contexto da pesquisa em questão, bem como a aplicação de termo de consentimento livre e esclarecido, onde constaram as informações relacionadas aos procedimentos metodológicos e éticos do estudo.

Ao empreender a pesquisa envolvendo assistentes sociais, levou-se em consideração o fato de que os profissionais não se situavam, naquele momento, como sujeitos vulneráveis ou mesmo em situação de subalternidade, tendo em vista todo o conjunto de conhecimentos teórico-metodológicos e ético-políticos, que atribuem ao profissional condições de compreender a dinâmica da sociedade capitalista; nesse sentido, a direção ética da referida pesquisa. Compreendida dessa maneira, a presente pesquisa não foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (Res. CNS 196/96), o que não acarretou, em momento algum, prejuízos aos sujeitos, tendo em vista que os preceitos éticos foram devidamente resguardados.

Assim, recorreremos às reflexões de Barroco (2005) na direção de compreender a ética numa dupla dimensão constitutiva, ou seja, de reflexão teórica e prática. A autora indica pistas para a reflexão de que na direção de compreensão da ética, enquanto uma expressão teórica, nos leva a refletir filosoficamente sobre as ações e valores históricos que orientam a prática social humana. A autora ainda esclarece que se trata de “um saber interessado; portanto, de um conhecimento que nega a neutralidade da ciência, exigindo um posicionamento ético do pesquisador, pois conhecemos objetivando um produto que seja valioso para determinado projeto que desejamos que se realize com nossa ação”.

E como uma ação prática, a autora ainda nos esclarece que é a ética

é a objetivação concreta dos valores, princípios, escolhas, deliberações e posicionamentos produzidos pela ação consciente dos homens diante de situações de afirmação/negação da vida, dos direitos e valores. Conceber a ética como uma ação crítica de um sujeito histórico que reflete teoricamente, faz escolhas conscientes, se responsabiliza, se compromete socialmente por elas e age praticamente para objetivá-las é conceber a ética como componente da práxis (BARROCO, 2005, p. 4).

Nessa direção, os sujeitos da pesquisa, dada sua apreensão do movimento histórico da sociedade e a direção social impressa nas mais variadas formas de agir e pensar, caminharam na direção de uma escolha consciente, na direção de contribuir para a construção de conhecimento sobre seu cotidiano profissional, e tais sujeitos não foram meros elementos “passivos” no processo, reiterando o que Marx, parafraseado por Netto (2011, p. 25) acentuou que para “apreender essência (do objeto), a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação”. Assim, Marx infere categoricamente que o sujeito “tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão existente entre elas” (MARX, 2013, p. 90).

Estruturada dessa maneira, a pesquisa buscou, pelos fundamentos da teoria social de Marx, a direção metodológica de análise, o que pressupõe partir do concreto, do imediatamente determinado, para assim tentar compreender a realidade posta.

A utilização de um arcabouço teórico é considerada elemento essencial para a compreensão crítica da totalidade da vida social, uma vez que, para Marx, “a teoria consiste na [...] reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa (NETTO, 2009, p. 7).

Este referencial, fundado na teoria social de Marx e em seu método de pesquisa, possibilitou, com a utilização dos marcos tradicionais, hauridos diretamente de Marx, – além da utilização de autores fieis à tradição marxista do Serviço Social e das Ciências Sociais –, garantiu uma filiação teórico-metodológica crítica que parte da análise da sociedade burguesa para compreender os elementos econômicos, políticos, ideológicos que a engendram e determinam. Fundado nesta direção teórico-metodológica de análise, este artigo tratou de perseguir e interpretar os elementos histórico-metodológicos que perpassam a profissão desde sua emergência, seu conjunto conservador que deu tônus do conteúdo ético e metodológico até as tentativas de ruptura com o conservadorismo presente na profissão.

Apresentamos, a seguir, de maneira objetiva, os resultados dos estudos, bem como a reflexão teórica acerca da temática em debate, problematizando com os autores da profissão e das ciências sociais e o necessário debate teórico-prático com o conteúdo do trabalho profissional na atual quadra histórica, partindo dos pressupostos do projeto de classe defendido pela profissão em sua esfera profissional, mediada pelo arcabouço teórico-metodológico do pensamento de Marx. De maneira despretensiosa, este tema não tem o objetivo de esgotar o debate da temática e sim promover a contínua reflexão e que estas reflexões possam ser levadas ao limite do tensionamento da profissão e sua inserção na totalidade da vida social.

A aderência à teoria social de Marx e sua materialização no trabalho profissional

No campo teórico e com rebatimentos nos conteúdos ético e prático, observam-se algumas particularidades na realidade concreta investigada com relação à inegável importância da adesão da profissão às categorias da teoria social de Marx. Ressalta-se a posição histórica da teoria social de Marx como base teórico-metodológica fundante do pensamento crítico e contestador do Serviço Social, já que se constitui como mediação de uma leitura crítica da sociedade capitalista madura e suas inflexões na cotidianidade. Como ressalta Netto (2004, p. 157), a investigação de Marx “está centrada na análise radicalmente crítica da gênese, do desenvolvimento, da consolidação e dos vetores de crises da sociedade burguesa e da ordem capitalista”, oferecendo, assim, elementos para compreensão, análise e possibilidades interventivas nessa realidade concreta.

A ontologia social de Marx tem como pressuposto teórico-metodológico o entendimento da historicidade como componente indissociável da humanidade e sua imersão nos processos econômicos,

políticos, sociais e culturais, alinhando a categoria “historicidade” à ontologia, conferindo, desse modo, uma concepção histórico-ontológica (NETTO, 2004). O legado marxiano denota, ainda, a articulação das categorias apresentadas anteriormente à perspectiva de totalidade, em que o todo é compreendido como uma estrutura social complexa, marcada tradicionalmente por sua contraditoriedade, tendo como base de organização o sistema capitalista de produção que o engendra e lhe dá movimento. Essa contradição está expressa em um caráter sócio-histórico que catalisa as forças antagônicas, historicamente identificadas nas lutas de classes, em que a totalidade como realidade concreta possibilita o confronto de seus interesses distintos e, conseqüentemente, a hegemonia de um dos projetos de classe.

É em Marx que a filosofia alemã supera o profundo lastro lógico-gnosiológico e idealista, amplamente difundido na Alemanha e que teve como signatários filósofos importantes como Feuerbach e Hegel, respectivamente. Assim, é no método marxiano que a sociedade burguesa é desnudada e a economia política de caráter profundamente economicista (economia política ricardiana) recebe um influxo ontológico por parte de Marx, pois é neste contexto que ele videncia, sem abandonar os pressupostos filosóficos, a centralidade da crítica da economia política na sociedade burguesa consolidada. No que tange ao método de estudos sobre a sociedade capitalista, Julius Faucher desenha de maneira primorosa a estrutura metodológica de Marx e a publica no *Correio Europeu*, sendo que Marx vai afirmar que seu resenhista foi certo ao indicar seu método de estudos. Assim, Marx (2013, p. 90) vai afirmar que, na superação da concepção idealista da história, seu método dialético

[...] em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.

Com a superação do idealismo alemão hegeliano, Marx recorre à dialética para dar direção metodológica aos seus estudos, que revelam a necessidade de compreender a sociedade capitalista a partir dos seus dados ontológicos (primários), que são necessariamente concretos, dados na materialidade da vida social. É neste processo de aglutinação teórico-metodológica e revolucionária que Marx vai evidenciar a existência de uma categoria essencial ao processo de reprodução do capital: o trabalho. É na análise desta categoria, compreendida como uma mercadoria, que o pensador alemão vai compreender sua centralidade ontológica, uma vez que é no valor-trabalho que está contida toda a forma de apropriação do excedente e que, transformado em lucro, torna-se pedra angular na reprodução do sistema social de produção.

Neste sentido, a teoria social de Marx vai influenciar sobremaneira as ciências sociais e humanas, sendo cooptadas por diversos tipos de compreensões, que possuem matizes distintos que vão das interpretações cravadas por ruídos conservadores e equivocados à compreensões oriundas das fontes marxianas. É nesta complexidade que a profissão, assentada sobre valores progressistas, vai aglutinando as convergências e divergências do pensamento marxiano, para consolidar, nos anos seguintes, a sua direção social, ou seja, sua direção ético-política.

Deste modo, o legado da tradição da ontologia do ser social de Marx denota um claro rebatimento na profissão, com seu largo e tensionado processo de amadurecimento teórico-metodológico inaugurado nos marcos do movimento de reconceitualização nos anos 1960/1970, o que não significa sua aderência hegemônica, tampouco a adoção destes marcos teóricos em sua práxis. Tem, ainda, nas décadas posteriores, uma aproximação menos enviesada, trazendo para o centro do debate intelectual categorias analíticas de Marx, na direção da supressão das classes, do homem como construtor da história, da reflexão sobre o significado ontológico do trabalho. Essas, entre outras

categorias, são apropriadas pela vanguarda, seguindo de tensionamentos que fundam, no plano teórico e ideológico, a vinculação da profissão à teoria social de Marx (LARA, 2008).

Destacam-se, também, os desdobramentos da teoria social de Marx no cenário atual da ética profissional e na consolidação da direção social da profissão, sendo estes dois marcos resultados do acúmulo teórico nas décadas anteriores. As contribuições advindas do Código de Ética de 1986 foram substanciais para a concretização do atual Código, datado de 1993. Para tanto, a categoria profissional busca, por meio de um movimento dialético, ao longo de sua trajetória histórica e atualmente, uma constante negação da ética de caráter conservador, em favor de uma nova concepção que sustenta claros e definidos compromissos coletivos assumidos com a classe trabalhadora.

No contexto da década de 1990, observa-se o poder emanado das forças capitalistas neoliberais no Brasil com vistas à implantação de seu modelo “racionalista e individualista”, demonstrando o vigor da política neoliberal patrocinada pelos governos pós-ditadura militar, engrossando as fileiras da miséria, do desemprego estrutural, da violência estrutural, do subemprego (trabalho informal) e da exclusão demasiada do acesso a bens e serviços sociais, fazendo com que tais condições, compreendidas na sua dimensão social e econômica, rebatam diretamente sobre a classe trabalhadora, num processo acentuado de vitimização. Os reflexos de tal alinhamento do Brasil aos modelos gendarmes imperialistas nos anos 1990 centram-se na focalização, no reforço das práticas seletivas do acesso às políticas sociais, o que reflete direta e duplamente no trabalho profissional do assistente social, pela sua constituição como trabalhador assalariado, que dispõe de sua força de trabalho para venda, e pela sua condição de facilitador do acesso às políticas sociais públicas ou privadas (BARROCO, 2001).

Além dessas determinações do contexto sócio-histórico ao trabalho assalariado do assistente social, identifica-se que, nos anos 1990, o influxo operado pelo capital na órbita macrosocietária foi fator determinante para a reflexão da direção social da profissão no que tange à construção coletiva de um projeto societário dado na materialidade da vida social, em um momento de eferescência econômica, política e social. Constitui-se, desse modo, associada à trajetória das vanguardas, a figura de um projeto com clara e definida direção social, consubstanciada na eleição de valores que remetem à construção coletiva de uma nova sociedade, em que homem possa ser a medida de todas as coisas (IAMAMOTO, 2008).

Assim, reconhecidamente como sujeito da classe que vende sua força de trabalho, o assistente social também sofre com os rebatimentos, em todos os aspectos, da sua posição na divisão social e técnica do trabalho (NETTO, 2005), assim como os outros trabalhadores. Nesse sentido, o trabalho do assistente social se inscreve na contraditória relação capital-trabalho, desvelando a força destruidora do capital frente aos direitos sociais, políticos e econômicos, dentre outros, duramente conquistados pelas lutas capitaneadas pelas vanguardas da resistência presentes nos quadros da classe trabalhadora brasileira.

Por isso, podemos situar o projeto ético-político do Serviço Social como síntese ética e política (haja vista seu alcance social, seu reconhecimento pela classe usuária dos seus serviços profissionais e de sua vinculação coletivizadora) dos interesses da classe trabalhadora brasileira e da sua aderência teórico-metodológica ao pensamento da ontologia do ser social de Marx. Tais elementos são mediados no processo de trabalho do assistente social e situam esse profissional na esfera da prestação de serviços sociais compromissados com os valores da profissão e da classe trabalhadora, na direção da contramare da atual lógica de reprodução sociometabólica do grande capital.

Ao perquirir as inquietações desse artigo, isto é, na busca pelo desvelar da apropriação da teoria social de Marx pelo Serviço Social e sua relação com as formas de objetivação dos compromissos profissionais assumidos coletivamente, registra-se, no contexto da particularidade da realidade concreta em estudo, que esta apropriação da teoria social crítica pelo Serviço Social é relativa, pois os sujeitos revelam certa dificuldade para instrumentalizar esse conhecimento teórico-metodológico em mediação necessária na leitura do real concreto, sendo que dois assistentes sociais relacionam essa limitação com o

processo de formação profissional, que não lhes ofereceu a formação nas bases teórico-metodológicas necessárias para a incorporação do conteúdo ideopolítico da teoria social de Marx.

Observou-se, no decorrer do estudo, que as fragilidades teóricas dos cursos de Serviço Social não são um momento apenas do tempo presente; suas raízes são fortalecidas com o discurso neoliberal, que reduz a universidade a mera produtora de saberes técnicos, de caráter intervencionista, com sérios problemas de fragmentação, e a um ensino profundamente acrítico, voltado apenas como um espaço de qualificação para o mercado, para o trabalho e seu exército industrial de reserva.

As bases da formação profissional do assistente social, impressas em diretrizes gerais para os currículos mínimos dos cursos de Serviço Social, datam de 1996, a partir da aprovação pela Assembleia da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Apontam os eixos estruturantes da formação profissional do assistente social, na direção da compreensão da dinâmica da sociedade burguesa, operada pela lógica do grande capital.

Esta formação profissional proposta nas diretrizes curriculares aponta para a necessidade de desenvolver uma compreensão e uma apreensão das particularidades da sociedade brasileira, tendo como eixo de análise os reflexos do modo de produção capitalista na (re)produção desta sociedade e seus profundos reflexos no trabalho profissional do assistente social. A lacuna apontada pelos sujeitos leva-nos, então, a refletir sobre a fragilidade dos atuais projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação em Serviço Social, o que pode direcionar uma formação distanciada dos valores profissionais, das suas concepções políticas e ideológicas, com rebatimentos no conteúdo ético-político profissional.

A crise da universidade brasileira, regida pelos organismos internacionais (Banco Interamericano de Desenvolvimento, Fundo Monetário Internacional, por exemplo), transparece o fiel retrato do sucateamento das universidades públicas e seu largo processo de privatização. Na outra margem, situam-se as universidades privadas, mantidas por grandes monopólios da educação, que geralmente submetem a formação profissional crítica a meros esquemas superficiais, com profundo ecletismo teórico que minam os eixos da formação. Trata-se de compreender, no outro polo de nossas análises, que, no aspecto formativo do assistente social, os núcleos formadores, mediante a manifestação inequívoca do seu compromisso ético-político, têm combatido arduamente o processo de mercantilização da produção científica e da formação universitária, na direção de garantir uma produção/formação acadêmica atenta ao constante movimento da sociedade atual e comprometida com os valores éticos da profissão e vinculadas às lutas de classe dos trabalhadores.

Neste sentido, as organizações representativas da profissão, em especial ABEPSS, CFESS, CRESS, ENESSO, possuem relevante papel na contraposição da maré neoliberal que tem banido a formação profissional crítica dos projetos pedagógicos e dirigido a formação apenas para o atendimento da lógica puramente de mercado. A representação destes organismos reflete o comprometimento do coletivo profissional na direção de se consolidar uma formação profissional que apreenda a totalidade da vida social em sua concretude, de maneira crítica, criativa, propositiva e compromissada com os valores da profissão (IAMAMOTO, 2000).

Ao situarmos a centralidade da formação acadêmica na construção da apropriação do arcabouço teórico-metodológico da teoria social de Marx, é necessário refletir sobre a incorporação destes valores pelos profissionais, tendo em vista o lastro conservador que insiste em se reatualizar e que por vezes tem livre discurso entre os assistentes sociais. Esta adesão não é pura e simplesmente contida ou condensada nos marcos estritos da academia apenas. Esta adesão requer determinada valoração política, fundada na vinculação do profissional à classe trabalhadora e direcionada a uma determinada finalidade processada pela ação política na realidade concreta.

A reflexão sobre a finalidade desta práxis construtora de uma nova sociabilidade, radicalmente compromissada com os valores da classe trabalhadora, requer, seguindo o pensamento de Marx, entender o conceito histórico como categoria analítica que possibilita ao homem a visão de um “campo

de possibilidades abertas” (BARROCO, 2001, p. 15); um campo que transita entre o eixo estruturante do capital – fundado na exploração do homem, na propriedade privada, na alienação, na banalização da barbárie e da vida humana e no seu processo de coisificação do homem e da vida – e na sua contraditoriedade, a (re)construção das forças que remam radicalmente na contramare, tendo como horizonte uma sociedade realmente livre, onde a humanidade possa ser vivida em todas suas potencialidades. Esta radicalidade, haurida nas fontes marxianas, requer uma análise acurada, pois por radicalidade entende-se ir à raiz da questão, e, no caso da apropriação destas fontes, é buscar Marx por ele mesmo, ou utilizando uma leitura de sociedade fundada no seu pensamento que seja leal às suas concepções. O reforço dessa afirmação se faz cada vez mais necessário, à medida que se observa uma ameaça à construção do pensamento crítico na atualidade, quando se anuncia certa “decadência ideológica”, como afirma Lukács, figurando-se em fases distintas: na essência, representa o movimento operado pelo capital para mitificar a realidade, desmobilizar a luta do proletariado e reproduzir uma análise superficial da realidade concreta, propondo ainda a concepção de uma terceira via, transitando na negação do socialismo e do capitalismo (LARA, 2008).

Sustentamos nossas reflexões no próprio Marx, que vai acentuar que

O Concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e, portanto, igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação (MARX, 1982, p. 219).

Assim, a concretude latente da vida social, em todos os seus aspectos – (políticos, econômicos, sociais, culturais, espirituais etc.), elementos que não podem escapar à compreensão crítica –, necessita de uma vinculação política a determinada classe, neste caso, a classe trabalhadora e seu projeto emancipatório.

Mesmo subsidiadas por categorias analíticas centrais, é comum encontrarmos análises superficiais, conservadoras e ecléticas, evidenciando um largo processo de decadência ideológica que ressoa no conjunto dos fundamentos da profissão, por exemplo. Essa decadência ideológica encontra curso livre no processo de formação profissional, na direção de uma conformação de conceitos pseudocríticos ou até mesmo fundados num ecletismo desmedido, de base sincrética (NETTO, 1996). Dessa forma, dada a herança histórica da profissão, desvencilhar-se do ecletismo que incide na formação de diretriz crítica torna-se uma tarefa demasiadamente longa, porém necessária.

É essa base eclética ou de concepção superficial das categorias analíticas marxianas que desemboca no trabalho profissional dos assistentes sociais na atualidade, confrontando-se com o necessário conhecimento acerca da realidade concreta da sociedade burguesa e o lugar que a profissão ocupa na divisão social e técnica do trabalho.

Algumas considerações acerca da pesquisa: os sujeitos e suas reflexões

Observou-se durante a pesquisa que o pouco ou enviesado contato com a tradição marxiana durante o processo de formação profissional é fator condicionante na direção social da profissão e nos seus rebatimentos no cotidiano profissional, visto que o comprometimento com a classe trabalhadora não se restringe apenas à efetivação do acesso aos direitos, à facilitação de acesso a bens e serviços sociais que, nesta sociedade, nada mais são que direitos permeados e controlados política e ideologicamente pelo capital, pelo seu processo de conformação entre as classes sociais.

Apropriar-se do conceito de conhecimento crítico haurido nas fontes da teoria social de Marx indica as possibilidades de construção de uma nova sociedade, de caráter revolucionário colado às vanguardas trabalhadoras oprimidas, na direção de uma sociedade sem dominados e dominadores, de

uma sociedade em que o homem seja a medida. Representa, também, romper com as práticas reificadoras presentes nas políticas sociais de cunho neoliberal, seletivistas, em que a exclusão total passa a ser medida por inclusão em programas pobres, com conteúdo do ponto de vista para o atendimento de necessidades objetivas e subjetivas imediatas da classe trabalhadora, políticas essas que tradicionalmente os assistentes sociais são chamados a operacionalizar.

Incorporar a direção social da profissão requer uma prática política – superadora do discurso amorfo e fatalista que por vezes transita na profissão e possui forte apelo –, buscando nos movimentos sociais, junto aos trabalhadores e às profissões que se alinham nesta direção, um “olhar para um horizonte mais amplo, que apreenda o movimento da sociedade e as necessidades sociais aí produzidas, alvos potenciais da atuação do assistente social” (IAMAMOTO, 2008, p. 221).

Na pesquisa, os sujeitos reconhecem a relação histórica da profissão com a teoria social de Marx, apontando alguns elementos que a constituem e rebatem no projeto profissional do Serviço Social. Contudo, observa-se na fala dos sujeitos que as determinações operadas pela lógica do capital, representada pelas instituições empregadoras, (re)produzem a burocracia, o engessamento e a limitação do trabalho profissional, o que claramente pode comprometer a direção social da profissão no sentido do seu compromisso com os usuários que buscam os seus serviços profissionais.

Situados como condições objetivas e subjetivas, os sujeitos apontam estas situações como relativas dificuldades para a apropriação do conteúdo teórico-metodológico no processo de trabalho na perspectiva do projeto ético-político profissional. Ao compreenderem os processos macrosociedadeiros determinados pela lógica do grande capital, os sujeitos reconhecem as limitações impetradas no trabalho profissional. Mas compreender estes processos não é suficiente para ir ao cerne da questão posta; “para decifrar esse processo, é necessário entender as mediações sociais que atravessam o campo de trabalho do assistente social” (IAMAMOTO, 2004a, p. 24).

Estas mediações que atravessam a profissão e seu trabalho profissional seguem polarizadas de interesses antagônicos postos pelo capital, nas condições do trabalho profissional, na sua relação com o Estado, com os empregadores, com as políticas sociais, com a sociedade. Refletir tais mediações requer que o assistente social situe o projeto ético-político em um terreno conflituoso e igualmente tenso, dado pelo antagonismo que ele carrega em si, na direção de um alinhamento com os trabalhadores e seus projetos de classe.

Ficou perceptível nas falas dos sujeitos entrevistados relativa dificuldade em apropriar-se do arcabouço teórico-metodológico do pensamento de Marx, demonstrando em determinadas falas a presença de um discurso fundado em um ecletismo teórico, que pode trazer (e traz) consequências danosas à direção social do projeto da profissão. Ao serem abordados sobre o conhecimento do projeto ético-político profissional, os sujeitos referem-no a partir da institucionalidade desse projeto, situado nos marcos da profissão. Porém, alguns sujeitos manifestam dificuldades em mediá-las com o trabalho profissional no cotidiano. Há conhecimento sobre os elementos constitutivos deste projeto, mas sua materialização segue enviesada pelas condições macroestruturais do capital que determinam diretamente o significado do trabalho na contemporaneidade e as possibilidades de uma permanente (re)construção do trabalho profissional compromissado nos espaços que estes profissionais ocupam.

Desse modo,

O conjunto das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção de vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 1983, p. 24).

Observemos que Marx é esclarecedor, no sentido de nos levar a compreender que todo o conjunto da dinâmica societal possui determinações históricas que levam, invariavelmente, à constituição do ser social e, assim, sua inscrição no mundo dos homens. Observou-se que os sujeitos entrevistados entendem este processo, porém, não estabelecem mediações diretas ao seu cotidiano.

Com tais dificuldades, a materialização do projeto societário e dos fundamentos que sustentam o trabalho do assistente social emerge de maneira enviesada, mediada pelo largo processo de alienação do trabalho e seu amplo processo de (re)produção, o que dificulta a apreensão do significado ontológico-social da teoria social de Marx e do projeto ético-político profissional. Mesmo sem citar a categoria “alienação”, observa-se que das limitações para efetivação da autonomia relativa e ruptura com práticas profissionais institucionalizadas/burocratizadas, reproduzidas seja pelos sujeitos profissionais, seja pela dimensão macroscópica do capital, emerge uma tarefa posta nos limites da apreensão do arcabouço teórico-metodológico de Marx e nas formas de repensar estratégias coletivas de enfrentamento dos ditames institucionais conservadoras, que tradicionalmente são caracterizadas pelo cerceamento das potências presentes no trabalho profissional do assistente social.

No quadro que se desvela nas entrevistas, a busca pela materialização do projeto ético-político profissional segue dificultado pela relativa adesão aos marcos teóricos da ontologia social de Marx, bem como, e conseqüentemente, pela dificuldade de enfrentar os limites institucionais. Nesta direção, os sujeitos entrevistados conseguem identificar alguns elementos concretos que possibilitem a transformação nos espaços sócio-ocupacionais que exercem seu trabalho profissional; porém, as respostas mais progressistas seguem aquelas na direção social da profissão que resvala nas determinações macrosociais do grande capital, manifestadas por determinações institucionais e regimentais pautadas em palavras de ordem, como “dever”, por exemplo; seguem na direção da contraposição destes assistentes sociais na condição de profissionais da coerção e do consenso, invariavelmente enveredando o trabalho profissional pelas práticas monolíticas, deslocadas da realidade objetiva e que conduzem a um trabalho essencialmente burocrático e tecnicista.

Mesmo atravessados pelas condições objetivas e subjetivas do trabalho, os assistentes sociais conseguem apreender a medida ético-política da profissão, mas com dificuldade de mediá-la com os pressupostos teóricos da ontologia social de Marx, o que sugere a reflexão: como estes princípios ético-políticos podem ser materializados, dadas estas condições?

A ruptura com uma prática (re)produtora da ordem social vigente necessita de bases críticas que possibilitem a permanente (re)construção da práxis profissional dos assistentes sociais entrevistados. Todavia, essa ruptura não pode ser pensada como possibilidade posta pelos sujeitos individuais apenas; deve ser dada na coletividade, mediada pela incorporação dos fundamentos teóricos da teoria social de Marx e que se constituam como elementos catalisadores de um trabalho profissional alinhado aos pressupostos do projeto profissional, signatário dos interesses coletivos dos trabalhadores.

A percepção desta medida de apropriação dos elementos da teoria social de Marx e sua mediação com o conteúdo prático do trabalho profissional não se esgotam em si mesmas; é necessário pensá-las e situá-las na dinâmica da sociabilidade capitalista, desvelando seus limites e suas possibilidades e concebendo como se constrói a inserção do assistente social nesta arena conflituosa, que reifica a vida e impõe um processo de (re)produção da vida social. Neste cenário, os sujeitos entrevistados concebem sua condição de trabalhadores assalariados, a partir da inscrição da profissão na divisão social e técnica do trabalho; contudo, observa-se relativa consciência na condição de classe, o que pode sugerir tensionamentos na construção do projeto profissional.

Assim sendo, superar as determinações institucionais e da ordem do capital requer pensar a profissão como uma especialização do trabalho coletivo, dotada de fundamentação teórico-metodológica crítica, fundada no pensamento de Marx e em uma prática política realmente atenta aos compromissos dos trabalhadores. Requer, assim, pensar teórica e ideologicamente com mediações políticas inequívocas com a classe trabalhadora, resgatando e resguardando o projeto da classe trabalhadora.

Referências

- BARROCO, M. L. S. Considerações sobre a ética na pesquisa a partir do Código de Ética Profissional do Assistente Social. 2005. mimeo.
- _____. *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2001.
- IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. São Paulo: Cortez, 2004b.
- _____. *Serviço Social em tempos de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LARA, Ricardo. *A produção do conhecimento em Serviço Social: o mundo do trabalho em debate*. 2008. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Franca, 2008.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do Sr. Prodhon*. São Paulo: Ciência Humanas, 1982.
- NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996;
- _____. *Introdução ao estudo do método em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *Marxismo impenitente: contribuição à história das ideias marxistas*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. O movimento de reconceituação: 40 anos depois. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 84, p. 21-36, nov. 2005.